

AMARRANDO TECIDOS E DESATANDO O RACISMO: OFICINA DE CRIAÇÃO DA BONECA ABAYOMI COMO INSTRUMENTO ANTIRRACISTA NA ESCOLA MÁRIO BARBOSA, CIDADE DE BELÉM (PA)

Pseudônimos: Capitu* e Bentinho*¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo descrever e refletir sobre as oficinas de confecção das bonecas Abayomi realizadas na escola Mário Barbosa, no bairro Terra Firme, periferia da cidade de Belém do Pará (PA), como instrumento antirracista para a desconstrução de práticas racistas que atingem à população negra e de valorização e fortalecimento da memória, identidade, representatividade, arte e cultura afro-brasileira, de forma lúdica, criativa, contextualizada e participativa. A boneca Abayomi foi criada pela artesã e educadora carioca Waldilena Martins, mais conhecida como Lena Martins. O termo Abayomi, significa “encontro precioso” na língua iorubá, um dos maiores grupos étnicos linguísticos da África Ocidental. Foram desenvolvidas duas oficinas de confecção das bonecas Abayomi, alcançando 50 participantes. As oficinas foram divididas em quatro momentos, quais sejam: troca de conhecimento inicial sobre os saberes prévios dos participantes acerca da boneca Abayomi; explanação sobre a história da boneca Abayomi; construção da boneca Abayomi e, no final da oficina, uma roda de conversa, sobre a percepção dos participantes em relação a oficina. Optou-se metodologicamente pela Roda de Conversa para investigar a percepção dos participantes porque essa técnica de investigação permite que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas. As oficinas se constituíram como um importante instrumento antirracista, despertando a representatividade positiva entre os participantes, especificamente nas adolescentes negras, que, a partir da feitura das bonecas, demonstraram-se orgulhosas dos seus atributos fenóticos, como a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz e dos lábios, entre outros. Além disso, foram difusoras da memória, arte, cultura e identidade afro-brasileira, bem como proporcionaram reflexões imprescindíveis sobre identidade e representatividade negra e racismo. Ademais, os participantes se mostraram engajados em repassar o conhecimento trabalhado nas duas oficinas.

Palavras-chave: Boneca Abayomi; instrumento educativo antirracista; desconstrução do racismo; valorização e fortalecimento da memória, arte e cultura afro-brasileira.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, infelizmente, foi um dos últimos países a abolir a escravidão. Esse fato histórico deixou marcas profundas para a sociedade brasileira. O racismo é a perversa e ilícita herança discriminatória da escravidão. Esse é entendido como uma forma sistemática de discriminação, por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens a determinado grupo racial. Nesse sentido, o racismo engloba

¹ Nome fictício utilizado para proteger a integridade do trabalho. Todas as vezes que a palavra estiver acompanhada de um “*” significa que se trata de um nome ficcional.

não apenas o preconceito e a discriminação, mas também todas as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que desfavorecem uma pessoa ou grupo por conta de sua raça (Almeida, 2018). Um exemplo hipotético seria uma tendência de realização de abordagens policiais truculentas contra indivíduos apenas devido à sua raça. O racismo acredita em raças superiores e cria mecanismos sociais e políticos para reprimir as raças consideradas inferiores. Para Almeida (2018), racismo não é um ato, não é um evento, mas um processo. Assim, ele constitui uma complexidade de ações, ou omissões, de atos de fato, que têm como consequência, e resultado fundamental, a criação da raça. O racismo, portanto, cria a raça, ele cria esse elemento que vai ser utilizado para classificar e dar sentido para a vida dos indivíduos. Não é difícil ver manifestações de racismo no dia-a-dia da vida social brasileira. Ora ele é escancarado, como nos massacres frequentes, ora é silencioso, como no olhar policial que põe constantemente os negros sob suspeita.

Frente a essa realidade, a educação antirracista surge como um importante instrumento de desconstrução de práticas racistas. A educação, fenômeno presente nos mais variados espaços da sociedade, ocorre nas relações pessoais onde há intenção de ensinar e aprender. Ela também participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força (Cruz, 2022). Nesse contexto, os dispositivos educativos antirracistas são práticas inovadoras que rompem com conceitos hegemônicos e estabelece um diálogo com a Nova História, cuja tendência é conhecer a história dos indivíduos comuns que são costumeiramente marginalizados das narrativas históricas. Assim, nota-se que mediante a educação, empreendida numa perspectiva libertadora de tomada de consciência e transgressora, o panorama do racismo estabelecido em nossa sociedade pode ser modificado.

Nessa direção, as oficinas de confecção das bonecas Abayomi se constituem como práticas educativas antirracistas, pois o processo de criação, por meio da ludicidade, propicia um espaço de reflexão acerca da representatividade, memória, afetividade, resistência e identidade sociocultural da população negra. As oficinas reconstruem a representatividade para aqueles e aquelas que foram afastados das suas ancestralidades, bem como na reafirmação de que tais sujeitos têm poder para mudar os seus respectivos mundos, na medida que se percebe o “mundo” que se têm em comum (Mariotto, 2014). Cabe aqui a elucidação e a superação de atitudes, preconceitos e práticas discriminatórias vigentes nas relações interpessoais e institucionais ainda que de forma velada.

A boneca Abayomi tem seu surgimento no Brasil, no estado do Rio de Janeiro, durante a década de 80, num período de efervescência política e redemocratização do país. A criadora da boneca se chama Waldilena Martins - mais conhecida como Lena Martins - educadora, artesã e integrante do Movimento de Mulheres Negras e coordenadora do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Luís Carlos Prestes, na cidade do Rio de Janeiro. A boneca é feita somente com nós e amarrações, com tecidos de cores e estampas diversas, e indispensavelmente com o tecido de cor preta para construir seu corpo. A Abayomi não é uma pessoa ou apenas uma boneca de pano, não é uma técnica ou simplesmente uma teoria, ela é movimento daqueles que com ela conhecem e interagem com a sua própria história e do seu povo (Silva, 2008).

A palavra *Abayomi* possui origem *Yorubá* e significa “aquele que traz, felicidade ou alegria, também significa encontro precioso: *abay*: encontro e *omi*: precioso”. O processo de criação e transmissão do saber-fazer das bonecas Abayomi são concebidos como linguagem artística e cultural, considerando que sua confecção se caracteriza como experimentação criativa e indenitória, inserida no campo de lutas produzidas pelo movimento de mulheres negras brasileiras (Gomes; Bizarria; Collet; Sales, 2017). As bonecas Abayomi se tornaram instrumentos de conscientização e de socialização, símbolos de resistência e tradição da cultura afro-brasileira.

A partir desta contextualização foram desenvolvidas duas oficinas de criação da boneca Abayomi na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa, localizada no bairro da Terra Firme, periferia da cidade de Belém (PA), objetivando, de forma lúdica, participativa e contextualizada, a desconstrução de práticas racistas contra a população negra, bem como buscando a valorização e fortalecimento da memória, identidade, representatividade, arte e cultura afro-brasileira, de forma lúdica, criativa, contextualizada e participativa. A Terra Firme é um bairro do município de Belém, situado na região periférica da capital, tendo sua origem no século XVIII, período marcado pelo processo de escravidão na Amazônia. A maioria da população é negra e de baixa renda e apresenta um elevado índice de trabalhadores absorvidos pelo chamado trabalho informal. Couto (2010) e Silva (2011) abordam o Bairro da Terra Firme como um espaço em que historicamente foi estigmatizado, fruto do processo de urbanização, ocupação, e o planejamento deficitário da cidade de Belém. Esse bairro vivencia o aumento dos índices de violência, especialmente contra a juventude negra.

Metodologicamente, fez-se uso da técnica de investigação Rodas de Conversa para investigar a percepção dos participantes em relação as oficinas de confecção das bonecas Abayomi. A escolha dessa técnica ocorreu principalmente por sua característica de permitir que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre as oficinas, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelos participantes (Melo, 2013).

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo descrever e refletir sobre as oficinas de confecção das bonecas Abayomis realizadas na escola Mário Barbosa, no bairro Terra Firme, periferia da cidade de Belém do Pará (PA), como instrumento educativo antirracista para a desconstrução de práticas racistas que atingem à população negra e para a valorização da arte, memória, identidade e representatividade negra e cultura afro-brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS DA BONECA ABAYOMI NA ESCOLA MARIO BARBOSA, EM BELÉM DO PARÁ

Foram desenvolvidas duas oficinas de confecção das bonecas Abayomis na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mario Barbosa, no bairro Terra Firme, periferia da cidade de Belém (PA). A primeira oficina foi realizada no dia 20 de fevereiro de 2023, já a segunda oficina foi realizada no dia 28 de abril de 2023. As duas oficinas ofertaram 25 vagas cada, totalizando 50 vagas abertas, a quem pudesse interessar, seja para a comunidade escolar ou externa, com classificação de idade a partir dos 07 anos. As 50 vagas abertas nas duas oficinas foram preenchidas tanto por participantes alunos da escola quanto por pessoas do bairro.

Cada oficina teve duração de 4 horas e foram ministradas por Capitu* e Bentinho*, ambos discentes da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará (UFPA). Os materiais necessários para a confecção da Abayomi foram basicamente barbante, retalhos de diversas cores e estampas, como também tecidos na cor preta para confeccionar o corpo da boneca, e tesouras para delimitar o tamanho da mesma e das vestes (Figura 01). Durante todo o processo as ministrantes auxiliaram a confecção, mostrando por onde começar, mas também dando espaço à criatividade de cada um para selecionar os retalhos a serem utilizados para a roupa, adição de acessórios.

Figura 01: Tecidos com estampas variadas utilizados na confecção da boneca Abayomi.



Fonte: Própria Autoria, 2023.

Segundo Silva (2008), o aprendizado em oficinas propicia aos participantes o compartilhar de seus conhecimentos prévios, conhecimentos estes que possibilitaram reflexões, trocas, discussão e um processo de ensinamento emancipador. Acerca da oficina, Silva (2008), esclarece:

“A palavra “oficina” vem no mesmo fio de “ofício” e a partir desse estudo sinto que a expressão no título dessa atividade, remonta a um fazer, que propicia a busca de nossas raízes nas tradições de oralidade que constitui nossa formação afro-descendente, pois para os povos tradicionais africanos muitos ofícios são considerados sagrados”. (Silva, 2008, p. 10).

Dessa forma, o momento de confecção da boneca está para além do ideário de um simples fazer, mas, trata-se de um momento de conhecer e ressignificar nossa história.

A metodologia utilizada no desenvolvimento das oficinas foi dividida em quatro momentos, quais sejam: No *primeiro momento* os participantes se sentaram em roda/círculo e trocaram conhecimento inicial sobre os saberes prévios, esse momento teve o objetivo de construir um espaço para os participantes falarem o que já conhecem, ou não, acerca da boneca Abayomi. *Segundo momento*: ainda em roda aconteceu a explanação sobre a história da boneca Abayomi pelos ministrantes. O contar da história que permite descobrir novos conceitos, novos tempos e em específico da história da boneca Abayomi, buscando provocar uma reflexão acerca da memória e da identidade negra, que implica a história dos povos trazidos para o Brasil, na condição de escravos a bordo dos navios negreiros. Neste momento, explorou-se de forma expositiva sobre a

memória e identidade negra, representatividade, escravidão, racismo, arte e cultura afro-brasileira, deslocamento forçados dos povos africanos na afro-diásporas, solidão das mulheres e crianças negras nas afro-diásporas e durante a escravidão, ações afirmativas, igualdade racial e cooperação. *Terceiro momento*: ocorreu a confecção das boneca Abayomi (Figura 02), nesse momento cada participante confeccionou a sua boneca a partir da utilização materiais como tesoura, tecido preto e retalhos coloridos, construída a partir de nó e amarração e utilizando a história da boneca como dispositivo de entendimento da afetividade das mulheres negras no período escravista e durante a afro-diáspora e os aspectos emocionais relacionados, esse momento foi feito por um passo a passo para que cada participante conseguisse realizar a construção.

Figura 02: Processo de confecção da Abayomi na primeira oficina realizada na escola EEEFM Mario Barbosa, no bairro Terra Firme, cidade de Belém do Pará (PA).



Fonte: Própria autoria, 2023.

Quarto momento: após a confecção da boneca, realizou-se uma roda de conversa com os participantes. Objetivou-se, neste momento, investigar a percepção e os significados construído por cada participante, em relação a oficina e acerca dos temas tratados. E, por fim, a roda de conversa foi finalizada com um espaço onde cada participante deu nome a sua boneca e presenteou alguém com a mesma. Coube aos ministrantes, garantir a participação igualitária de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão.

É importante trazer à baila, que as Rodas de Conversa se constituem como um eficiente canal de diálogo, e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro

(Melo, 2013). A coleta de dados através dessa técnica permite uma maior interação entre pesquisador e participantes. Entende-se que as informações produzidas nesse contexto são de caráter essencialmente qualitativo, pois as opiniões expressas nessas rodas de conversa são falas sobre determinado tema, sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso. Além da finalidade investigativa, as rodas de conversa são uma “estratégia política libertadora e que favorecem a emancipação” (Bedin e Pino, 2018, p. 228). Sampaio (2014) em um estudo sobre os limites e as potencialidades do uso das RC, afirmam que esta se constitui uma “potência metodológica de confronto de realidades, leitura de mundo em um movimento – de ida das partes para o todo – que percorre ação, reflexão, transformação” (Sampaio, 2014, p. 1300). Como dispositivos de construção dialógica, as rodas produzem conhecimentos coletivos e contextualizados, ao privilegiarem a fala crítica e a escuta sensível, de forma lúdica, não usando nem a escrita, nem a leitura da palavra, mas sim a leitur-ação das imagens e dos modos de vida cotidianos. Elas favoreceram o entrosamento e a confiança entre os participantes, superando a dicotomia: sujeito-objeto (Sampaio, 2014, p. 1280).

Ao se propor a escuta e a reflexão, a abertura ao diálogo, o colocar-se no lugar do outro e fazer das experiências do outro as suas próprias experiências, promove-se a criação de um espaço para formação de valores que permitem a convivência: generosidade, respeito, responsabilidade, colaboração, ética e solidariedade.

Do ponto de vista operacional, as Rodas de Conversa foram iniciadas com a pactuação do contrato de convivência, buscando refletir a flexibilidade das relações humanas, podendo, mesmo depois de acordado, ser retomado e modificado. Também foram pactuados o respeito à fala alheia e aos diferentes saberes dos participantes.

Todos os participantes das oficinas e especialmente das Rodas de Conversa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, aos menores de 18 anos, foi solicitada a assinatura do/a seu responsável, sendo a pesquisa aprovada por Comitê de Ética da Universidade.

3. DESCONSTRUNDO O RACISMO A PARTIR DA FEITURA DA BONECA ABAYOMI

As duas oficinas desenvolvidas na EEEFM Mário Barbosa ofertaram 50 vagas, foram todas preenchidas por participantes da comunidade escolar interna e externa. As percepções dos participantes, explanadas e discutidas a seguir, foram observadas e registradas nas duas oficinas desenvolvidas.

Inicialmente, as oficinas proporcionaram a criatividade e cooperação entre os participantes. As bonecas foram criadas pelos participantes utilizando diferentes combinações de tecidos e estampas, como mostra a Figura 03.

Figura 03: Bonecas Abayomi criadas nas duas oficinas.



Fonte: Autoria Própria, 2023.

O branco como característica fenotípica foi ao longo da colonização, império e república, marca que garantiu privilégios sociais e legitimidade de poder. Essa elevação do homem branco como humano, universal e privilegiado, fundaram a compreensão de nação no Brasil e operaram no sentido de branquear a população e consolidar o imaginário racial, definido como o *modus operandi* das relações sociais.

Notou-se o impacto positivo que as oficinas proporcionaram a todos os participantes, especialmente nas adolescentes negras, que, pelas reações positivas, demonstraram-se orgulhosas dos seus atributos fenótipos, como a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz e dos lábios, entre outros. A participante Gina* afirmou que

recorreu a procedimentos químicos para alisar o seu cabelo em busca de aceitação: *“Sempre ouvi muitas piadinhas sobre o meu cabelo, que ele é parecido com palha de aço, que não molha, que não posso pentear. Essas coisas... e isso fez com que eu não aceitasse meu cabelo, por isso fiz chapinha e alisamento por muito tempo... queria ele liso”*. Outras participantes relataram que não aceitavam suas características negras. Amanda*, participante da primeira oficina (20 de fevereiro de 2023), relatou que sua infância foi marcada por episódios racistas, disse: *“A minha infância foi marcada por piadinhas sobre a minha pele e lábios... me chamavam de beijo de cavalo, porque meus lábios são carnudos”*. Essas expressões racistas aniquilaram a identidade da participante, fazendo com que ela sentisse vergonha das suas características: *“A partir daí eu passei a ter vergonha dos meus lábios... em razão disso até hoje não gosto de usar batom vermelho, porque meus lábios ficam grandes. Cresci com isso... é difícil de se livrar dessas falas, dos olhares, ficam na cabeça, persenguindo”*, disse. Entretanto, a participante se enxergou na boneca: *“Quando criei a boneca fomos orientados a deixar ela sem boca e sem olhos... no início achei estranho... como pode uma boneca sem boca e sem olhos? Como pode uma boneca preta? Aliás, nunca vi uma boneca preta, a primeira que vi foi eu que fiz. Eu me vi na boneca que fiz. Em cada pedaço de pano amarrado eu lembrava do que passei”*. Amanda* continua: *“É muito difícil a gente encontrar alguém que nos ouça... as pessoas não querem saber o que dói na mulher e na menina negra... Essa boneca funcionou como uma terapia pra mim... quando eu estava criando ela lembrava de tudo que passei, isso foi me dando coragem para não ter vergonha de como sou”*.

Conforme Todaro (2020), as bonecas, de modo geral, são representações das vivências e percepções da sociedade e de si mesmas para as crianças, elas constroem por meio de brincadeiras, consolidam e naturalizam julgamentos, noções e conceitos sobre as relações sociais. Logo, torna-se imperioso circular na sociedade bonecas negras, pois contribuirá para a identidade positiva das crianças, especialmente crianças negras.

O que as participantes relataram trata-se da busca de uma aceitação (que sequer deveria existir), a população negra muitas vezes submete-se ou é submetida a uma lógica de apagamento das próprias características, por meio de mudanças estéticas. Homens e mulheres passam a rejeitar traços negroides induzidos pela ideia de que, para serem aceitos, precisam ter uma estética parecida com a das pessoas brancas: a pele deve ser clara; o cabelo, liso; o nariz, afilado; os lábios, não tão espessos; as sobrancelhas, delineadas e finas etc. O racismo vigente renega as características das mulheres e meninas

negras e faz com que o modelo de beleza preferido seja o das loiras, magras, sem quadris, com seios pequenos, “lábios e narizes finos”. Assim, o negro descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais.

Kilomba (2019) afirma que somos sujeitos formados por três diferentes níveis: o político, o social e o individual. O racismo viola cada uma dessas esferas, pois pessoas negras não veem seus interesses políticos, sociais e individuais como parte de uma agenda comum. O racismo mata identidades, sobretudo, das nossas crianças. Esse tipo de percepção gera a solidão das mulheres e meninas negras (Souza, 2008). Conforme Oliveira e Mattos (2019), mulheres negras crescem frequentemente tendo como ideal de beleza o estereótipo de pessoas brancas. Esses padrões operam consciente ou inconscientemente e perpetuam tentativas de regulação dos corpos, além de impactar na construção da identidade dessas mulheres. Desse modo, as oficinas foram instrumentos de encorajamento e de aceitação dos participantes com relação as suas características raciais, gerando uma identidade positiva.

As oficinas possibilitaram a reconstrução e valorização da memória afro-brasileira nos participantes. Quando questionado se conheciam a boneca Abayomi, o deslocamento forçado dos negros africanos na afro-diáspora e o regime escravista estabelecido no Brasil ao qual esses negros foram submetidos, o participante Abebe* afirmou que não conhecia a boneca Abayomi nem a história que enreda sua criação, disse o participante: *“Não conhecia essa boneca Abayomi, nem sabia que as pessoas que foram trazidas da África vieram de modo forçado, inclusive aprendi que os próprios africanos vieram por livre consentimento e que foram escravizados por outros africanos”*. Percebe-se na fala do participante que os fatos históricos foram deturpados. Essa deturpação e desconhecimento acerca dos fatos históricos sobre os negros no Brasil faz parte da agenda do racismo que produz uma espécie de memoricídio.

A memória é lugar de permanente disputa e (re) construção de sentidos (Barbosa, 2005, p. 111). Constitui-se, portanto, por contínuas interpretações e reinterpretações do vivido, cujas alterações se promovem ao longo de processos socio-históricos que resultam na permanente (re) significação do real. É importante para o racismo ter o domínio da memória, pois apagar os fatos históricos significa a prevalência de estruturas racistas que inferiorizam e subalternizam os negros e negras (Barbosa, 2005, p. 113).

Conforme Malafaia (2019):

A memória é a possibilidade de acessar, na atualidade, episódios ocorridos em outros momentos. Ao acioná-la, o sujeito tem a possibilidade de negociar sua auto representação, seus desejos, seus projetos e valores. Assim, a memória também está profundamente relacionada ao processo de construção da forma como nos percebemos como sujeitos, ou seja, de nossa identificação, pois o sujeito recupera suas vivências e trajetórias que irão guiar a constituição de sua identidade a partir da memória. A memória pode ser entendida como a possibilidade do sujeito em registrar, conservar e evocar acontecimentos vividos, assim as nossas lembranças são armazenadas a partir de elaborações das experiências apreendidas (Malafaia, 2019, p. 12).

Dessa forma, as oficinas desconstruíram narrativas hegemônicas que promovem a o pagamento da arte, da cultura e da memória do negro desde a sua vinda forçada. É importante para as estruturas racistas a construção e manutenção de políticas coloniais do esquecimento. Nesse sentido Messiato (2021), adverte:

Aqueles nascidos na outra margem da humanidade, do outro lado da diferença colonial, da diferença ontológica, que se encontram separados pelo fosso do Não Ser que flui da branquitude colonial e os enuncia como inferiores, têm histórias e essas histórias importam e devem ser contadas, mas não pelos sujeitos hegemônicos, pois estes fizeram dessas narrativas algo menor, sem prestígio, tão vergonhoso a ponto de serem recusadas pela própria negritude (Messiato, 2021, p. 253).

Outrossim, as oficinas operaram na desconstrução de práticas racistas sutis. Duckitt (1992) elucida que definições e os níveis de análise do preconceito e do racismo refletem os ambientes sociais e históricos onde acontecem as relações racializadas de tal maneira que a natureza e as formas de expressão do preconceito são influenciadas, e mesmo definidas, pelas normas sociais que estejam salientes no contexto. Nos séculos de exploração do trabalho escravo dos negros e de colonização dos índios o racismo era expresso de maneira aberta, pois refletia as normas sociais da época: as normas da discriminação e da exploração. Depois da 2ª Guerra Mundial ocorreram mudanças históricas significativas, tais como: a emergência dos movimentos pelos direitos civis nos EUA, os movimentos de libertação de antigas colônias europeias, as consequências do nazismo e a Declaração dos Direitos Humanos. A partir deste momento as formas de expressão do racismo e do preconceito mudaram tão significativamente que se poderia pensar que estes fenômenos estavam em extinção. Todavia, elas continuam existindo de forma sutil. Essa nova forma de racismo foi estudada por Turra e Venturi (1995) que a denominaram de racismo cordial.

Conforme Turra e Venturi (1995), o racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos (negros e mulatos), que se caracteriza por

uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial”. Estas buscam desqualificar e desaprovar a população negra de tudo que se associa a ela, minimizando a imagem social dos negros de forma que reproduz e reforça no inconsciente coletivo da sociedade brasileira a relação preconceituosa entre negritude e negatividade. Em contrapartida conotações positivas sempre são ligadas aos modelos e representações de pessoas brancas.

João*, participante da segunda oficina (28 de abril de 2023), afirmou que já verbalizou muitas expressões racistas sem entendê-las e nem as questionar. Disse o participante: *“Eu sempre falei “a coisa tá preta” para os momentos ruins da minha vida, não me dava conta que se tratava se trata de uma expressão racista, eu falava ela naturalmente, ninguém nunca me repreendeu”*. A partir da fala de João*, outros participantes passaram a reconhecer que reproduzem o racismo cordial. Nesse sentido, a participante Deonata* revela: *“Nós fomos criados pensando que o negro é preguiçoso, que muitos negros tem o sangue ruim, que são ignorantes, estão sempre de cara fechada... já disse várias vezes que negro bom é negro de alma branca... só descobri que é um dizer racista agora com as oficinas. Se não fosse essas oficinas eu ia continuar cometendo esse erro”*.

A parte final das oficinas foi tomada por grandes emoções. Nesta etapa, os participantes deram nomes as bonecas que criaram e presentearam alguém que estava presente na oficina. A participante Nayrobe*, de 19 anos, da oficina do dia 20 de fevereiro de 2023, disse: *“Fiz duas bonecas, uma parecida comigo e a outra parecida com a minha amiga, por isso vou dar pra ela”*. Nesta etapa, os participantes que se abraçaram e se acolheram. Os participantes se mostraram engajados em repassar o conhecimento trabalhado nas duas oficinas. A esse respeito Nara*, mulher negra, de 28 anos, moradora da Terra Firme, falou: *“O que aprendi aqui não pode ficar só comigo... vou repassar pra minha família e especialmente para a minha filha. Um mundo antirracista é possível!”*.

Por fim, as oficinas propiciaram conhecimentos para que os participantes aprendessem sobre os valores civilizatórios pertencentes a cultura africana e afro-brasileira. Para Paulo Freire (2014) “aprender é uma aventura criadora de construir, reconstruir, constatar para mudar, e isso se faz, “no mundo da história, da cultura, da política” (Freire, 2014, p.75). As oficinas deram visibilidade ao mundo do outro, a dor do

outro, conforme nos ensina Frantz Fanon (2008): “a liberdade requer visibilidade, mas, para que isso aconteça, faz-se necessário um mundo do outro”. (Fanon, 2008, p. 16).

4. CONCLUSÃO

As oficinas realizadas na escola Mário Barbosa tiveram como principal objetivo a utilização do saber-fazer das bonecas Abayomis como ferramenta educativa antirracista para a desconstrução de práticas racistas e promoção, valorização e representatividade da cultura afro-brasileira de forma lúdica, criativa e participativa.

Essas oficinas proporcionaram um espaço de reflexão e discussão entre os participantes. Notou-se o impacto positivo que as oficinas proporcionaram a todos os participantes, especialmente nas adolescentes negras, que, pelas reações positivas demonstradas, demonstraram-se orgulhosas da cor de sua pele e dos seus cabelos crespos. Observou-se, ainda, que todos os participantes se demonstraram engajados em repassar as temáticas trabalhadas. As oficinas atraíram a atenção dos participantes, levando-os a refletir questões mais complexas, como por exemplo, a tolerância, o respeito, bem como ampliar seus conhecimentos acerca da memória, história e cultura afro-brasileira. Além disso, as oficinas se constituíram como instrumentos de desconstrução de práticas racistas cordiais. Práticas sutis que inferiorizam os negros e negras. A partir das oficinas os participantes recolheram essas expressões e passaram a condená-las.

Se “*Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje*”², nós também, como sociedade, podemos tomar consciência das estruturas racistas construídas ontem que nos alicerçam e derrubá-las com as pedras atiradas hoje. As oficinas de feitura das bonecas Abayomi são pedras lançadas contra práticas racistas e com poder de derrubá-las. Parafrazeando Nara*, participante da segunda oficina, é possível um mundo antirracista, é possível um mundo sem racismo. A feitura da boneca Abayomi se mostrou um dispositivo antirracista capaz de construir esse mundo possível!

² Antigo ditado iorubá que significa que as batalhas de hoje já começaram há muito tempo e que Exu está em cada uma dessas lutas desde muito antes até muito depois (Rufino, 2019).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BARBOSA, Marialva. **Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história.** In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia. (Orgs.). Comunicação, acontecimento e memória. São Paulo: Intercom, 2005. p.102-111.
- BEDIN, E., e PINO, J. C. (2018). **Interações e intercessões em rodas de conversa: espaços de formação inicial docente.** RBEP, 99(251), 222-238. doi:10.24109/21766681.rbep.99i251.3383.
- COUTO, A, C, de O. **Narcotráfico da Metrópole: das redes ilegais à “Territorização Perversa” na periferia de Belém.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, Programa de pós- Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. 2010.
- CRUZ, Rosemary. **Educação Antirracista e as Prática Docente: um olhar a partir da escrevivência e para as práticas das professoras da Escola M.E.F. Maria das Neves Lins (Bayeux-PB).** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa, PB. 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Salvador: EUDFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004.
- GOMES, Edlaine de Campos; BIZARRIA, Júlio; COLLET, Célia; SALES, Marcos Vinícius. **A Boneca Abayomi: Entre Retalhos, Saberes e Memórias.** Iluminuras, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. DOI: 10.22456/1984-1191.75745. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75745>. Acesso em: 15 mai. de 2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** 2019.
- MARIOTTO, Jucilene do Roccio. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE – Produções Didático-Pedagógicas 2014.** UNESPAR: v. 2, 14 – 17, 2014.
- MELO, M. C. H. de. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar.** 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. **Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento.** Revista Memória em Rede, Pelotas, v.13, n.24, Jan/Jul.2021 – ISSN- 2177-4129. Disponível em: periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria. Acesso em: 2 de jun. de 2023.
- MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **Memória Ancestral: uma potência para reconstrução de nossa história.** 2019. Disponível em: <https://www.copenesudeste2019.abpn.org.br/resources/anais/14>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.
- OLIVEIRA, A. P. O.; MATTOS, A. R. (2019). **Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo.** Estudos & Pesquisas em Psicologia, 19(2), 445-463. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acessado em: 5 de jun. de 2023.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.
- SAMPAIO, J.. **Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado com a saúde: uma experiência com jovens no sertão de Pernambuco.** Interface. Botucatu, p. 1299-1312, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2014.v18suppl2/1299-1311/pt>. Acesso em 19 de mai. De 2023.

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi: cotidianos: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos.** Orientadora: Regina Leite Garcia. Niterói RJ/UFF, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação).

SILVA, M. DO S. R. **Medo na Cidade: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA.** Dissertação (mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências sociais aplicadas, Faculdade de Serviço Social, Programa de pós-Graduação em Serviço Social. Belém, 2011.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.** Dissertação (mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestrado em Ciências Sociais e Antropologia). São Paulo, 2008.

TODARO, M. de Á. e CARVALHO, A.C. de. Bonecas negras no auxílio da construção da identidade de crianças negras nas escolas de Educação Infantil. **Póiesis Pedagógica**, v. 17, n. 1, p. 85-92, 8 jan. 2020.

TURRA, C., e VENTURI, G. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil.** São Paulo: Ática.1995.